

O EU É UM OUTRO: DA CONSTITUIÇÃO AO CORPO NA MUSCULAÇÃO

Data de aceite: 01/04/2024

João Pedro Santana

Curso de Psicologia, Centro Universitário
da Serra Gaúcha
Caxias do Sul, RS
<http://lattes.cnpq.br/0099832583755541>

“heteroestima” como alternativa à ênfase na “autoestima”, reconhecendo a importância do Outro na formação da imagem do Eu.

PALAVRAS-CHAVE: Autoestima. Corpo. Estádio do espelho. Imaginário.

RESUMO: Partindo da teoria de Jacques Lacan, fundamentado na filosofia de Hegel, propondo que o aparelho psíquico funciona a partir de três registros fundamentais: Real, Simbólico e Imaginário. Sendo com foco no registro do Imaginário, destacando-se a formação do eu no estágio do espelho, onde a criança constrói sua imagem referenciada pelo outro. Procurando compreender as questões ligadas à busca pelo corpo ideal, utilizando observação participante e questionários aplicados aos praticantes de musculação. Com a análise de dados de Bardin, obtivemos resultados variados indicando que a prática da musculação é motivada principalmente pela busca estética sendo influenciada pela percepção do outro. As análises baseadas à luz da teoria lacaniana revelam que a imagem corporal faz a distinção entre o eu e o mundo externo, tornando-se um elemento-chave na busca pela autoestima. Propõe-se o conceito de

THE SELF IS ANOTHER: THE CONSTITUTION (TO THE BODY IN BODYBUILDING)

ABSTRACT: Starting from Jacques Lacan's theory, based on Hegel's philosophy, proposing that the psychic apparatus works from three fundamental registers: Real, Symbolic and Imaginary. Focusing on the recording of the Imaginary, highlighting the formation of self in the mirror stage, where the child builds his image referenced by the other. Seeking to understand the issues linked to the search for the ideal body, using participant observation and questionnaires applied to bodybuilders. With the analysis of Bardin's data, we obtained varied results indicating that the practice of bodybuilding is mainly motivated by the search for aesthetics and is influenced by the perception of others. The analysis based on Lacanian theory reveals that body image makes the distinction between the self and the external world, becoming a key element

in the search for self-esteem. The concept of “heteroesteem” is proposed as an alternative to the emphasis on “self-esteem”, recognizing the importance of the Other in the formation of the image of the Self.

KEYWORDS: Self esteem. Body. Mirror Stadium. Imaginary.

INTRODUÇÃO

A busca pelo corpo “perfeito” é algo muito observado nas academias atualmente, o uso do corpo como imagem para integração na sociedade vem modificando as relações humanas. O corpo está atravessado socialmente, e é produtor de subjetividade. Cada cultura e cada sociedade, por meio das suas relações com seus corpos, nos dão indícios e significantes de como se constituem no campo social. (SOARES, 2010).

Inicialmente, no século XVI, o sistema capitalista se consolidou com um novo método, com princípios baseados no controle e na disciplina, na intenção de ter homens fortes e maleáveis para a produção. Dominando o uso dos corpos com o objetivo de romper seus vínculos com práticas populares, além de disciplinar a população por meio moral e físico. Segundo Le Breton (1953), o corpo é político, e quando pensado como sistema do capitalismo que domina moralmente e objetifica a imagem social dos corpos, favorece um afetamento alienante.

Logo depois, no século XIX surge o movimento ginástico europeu, unindo métodos científicos na ordem de trabalho corporal e de disciplina, com intenção de tornar os corpos da população europeia mais saudáveis, belos e fortes. De acordo com Soares (1997), o movimento ginástico europeu resultou em esforços que partiram de teorias e estudos da conhecida atualmente como Educação física, alterando o pensamento das práticas corporais praticadas fora do campo de trabalho, visando contextos em saúde, vigorosidade e moral em sua prática.

Por outro lado, Sigmund Freud (1856-1939), um médico neurologista e importante psicanalista austríaco, começa a pensar o corpo para além do campo biológico, partindo de suas experiências clínicas com suas pacientes histéricas. Surge a ideia de corpo na psicanálise, com o discurso de que o corpo na histeria não pode ser reduzido somente ao campo médico e anatômico, nem comandado somente por esse modelo. Sendo assim, Freud (1895) institui uma nova perspectiva de corpo na histeria, transformando e trazendo um novo olhar sobre a temática da corporeidade, com um conceito de corpo marcado pelo sexual, com desejos inconscientes, atravessado pela linguagem e que se opõe ao corpo físico e orgânico.

Seguindo a mesma perspectiva, em 1933 na França, o médico psiquiatra chamado Jacques Marie Émile Lacan (1901-1981), faz um retorno aos casos clínicos de Freud e inicia sua teoria partindo da filosofia de Hegel: “a interrogar-se sobre a gênese do eu, por intermédio de uma reflexão filosófica concernente à consciência de si” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p.194).

Lacan (1998) aborda desde o início da sua obra a problemática do corpo e do eu, nomeando metaforicamente de estádio do espelho o primeiro momento da constituição do eu, onde a criança irá formular uma ideia de imagem própria, a partir de seu reflexo no espelho. O grande marco na sua teoria, foi o conceito de que a mente funciona a partir de três registros fundamentais: O Real, o Simbólico e o Imaginário. E especificamente no registro do Imaginário, temos a construção de nossa própria imagem, sempre referendada pelo outro. Assim, temos a dimensão do que somos diante do que outro nos endereça.

Esse trabalho visa fazer reflexões e observações sobre a relação com o corpo de pessoas adeptas à prática de musculação e de como se relacionam socialmente no ambiente da academia. Usando como referência à instância imaginária da formação do eu a partir do esquema conceitual do estádio do espelho. “Situado entre os primeiros seis e dezoito meses de vida, durante o qual a criança antecipa o domínio sobre sua unidade corporal através de uma identificação com a imagem do semelhante e da percepção de sua própria imagem num espelho” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p. 194). Sendo o eu constituído por um outro, servindo como semelhante para que o sujeito se reconheça, entrando no campo da estética como formadora da “autoestima”, implicando pensar sobre a ideia de “auto” como medida feita pelo Outro, na formação do próprio eu no registro de imagem.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O corpo na sociedade

Seguindo uma mesma perspectiva, o tratamento maquínico que o corpo tem recebido é um sintoma da sociedade contemporânea, que tem como premissa mutações na estética corporal alavancando cada vez mais a possibilidade de alcance a sua imagem perfeita, ou seja, na realização da sua imagem idealizada. A estética corporal padronizada socialmente como ideal de beleza, visa a perfeição. De acordo com Villaça e Goés (1998), a busca pela perfeição que beira à imperfeição. A sociedade atual é a sociedade do consumo, inserida numa cultura consumista que além de desejar não cessa de criar necessidades para isso, criando também uma grande variedade de métodos para a construção e modificações de si. Insere-se a subjetividade do sujeito que pode permear atravessamentos de ordem maquínica, biológica, gnosiológica, imaginária e social.

Segundo Bauman (2008), nos formatos da sociedade de consumo a pessoa precisa vender sua mão de obra própria para que também possa consumir. Sendo também, um produto na ordem da sociedade de consumo, servindo como combustível nas interações humanas na “sociedade de consumidores”. Nessa sociedade, ninguém se torna indivíduo sem antes se tornar uma mercadoria, e ninguém pode manter sua privacidade segura sem ressuscitar e alimentar a capacidade esperada e desejada das mercadorias à venda.

Esse contexto, denominado à "sociedade de consumidores", sem dúvida, é lançado diante do próprio movimento cultural do individualismo, em favor do sistema capitalista contemporâneo, sustentando a produção em massa pela comunicação e publicidade, dos quais as funções são indiscutíveis (BAUMAN, 2008, p. 20).

Hoje, as mudanças e as transformações no corpo são vistas como expressividades do sujeito, que segundo Villaça e Goés (1998), o corpo assume tal posição diante da sociedade estando intrinsecamente atravessado por forças determinantes. Atuando em um ponto cego: *seja diferente: seja igual!* Modificando as perspectivas expressividades e transformações na corporeidade, emergindo uma outra questão; que na perspectiva de Villaça e Góes (1998), vem sendo com os excessos de transformações do corpo e em até que momento ocorrerão.

A prática da musculação

Atualmente, a vida de sujeito está fadada a ser mais estressante e menos saudável, em razão das rotinas exaustivas com grandes demandas de trabalho, poucos horários para descanso e a correria cotidiana em fazer tudo que se imagina, que se agrava ainda mais pela falta de atividade física e uma alimentação rica em alimentos processados de fácil preparo. Esses motivos unidos impactam nas condições de vida do sujeito de maneira ampla: na questão psicológica, física e também social. Portanto, o exercício físico nas academias se torna uma alternativa muito procurada pelas pessoas que visam uma melhora da saúde, bem-estar e mudanças físicas. De acordo com Leite Neto (1994), o conceito de prática de atividade física surge e passa a ser necessidade social para aquela pessoa que deseja uma vida saudável.

Marinho e Guglielmo (1997) realizaram um estudo mostrando que sujeitos recorriam à práticas de exercícios físicos nas academias com intenções distintas, eram desde a busca por melhoras na saúde e na relação do corpo estético. Segundo um estudo de Tahara *et al* (2003), a prática da musculação é mais elegida (40%) pelos participantes, dentre as demais práticas oferecidas nos espaços das academias. Em toda procura de qualquer exercício físico, o sujeito necessariamente precisa de questões que o levem a praticar tais atividades. Sendo de grande importância saber o que leva essas pessoas a se matricularem, seguirem frequentando e possíveis abandonos das práticas de atividades físicas. Muitas mudanças ocorrem num determinado espaço de tempo, que alteram o olhar do corpo enquanto imagem na cultura ou até mesmo no contexto orgânico, marcando esse corpo de incontáveis subjetividades. O meio opera como a estrutura interna de um indivíduo e não pode ser imaginado como algo externo a ele na sociedade atual. É a partir deste olhar que se estabelece a privacidade subjetiva. (VILLAÇA; GÓES, 1998).

Sempre haverá espaço para a construção de subjetividade do sujeito, mesmo ele estando inserido num ambiente concreto, urbano, artificial; pois a subjetividade independe

de espaço e aos poucos vai abrindo caminho para experiências e gostos distintos. Além disso, os ambientes das academias atravessam o sujeito de modo que sejam produtores de subjetividade, influenciando a sua percepção de imagem estética, de performance nas atividades e pretensões de mudanças corporais padronizadas com o meio. Esse corpo que se comunica pela subjetividade nos leva a reflexões mais amplas, sobre as questões motivadoras que permeiam as buscas por mudanças, não reduzindo o corpo apenas como um organismo biológico, mas como “pura energia psíquica, da qual o corpo orgânico seria apenas a caixa de ressonância.” (NASIO, 1993, p. 37).

O estádio do espelho

Simultaneamente, pensar nesse corpo atravessado e objetivado socialmente, implica em partirmos do ponto de vista do Imaginário, levando em consideração os primórdios da teoria lacaniana e a maneira como a figura do próprio corpo se registra a partir do outro, a formação subjetiva que se constitui da imagem de si em que o sujeito assume. O Estádio do espelho: a matriz da identificação com o outro ou a reinterpretação de Lacan nos conceitos fundamentais freudianos, como o narcisismo, ego e identificação.

Via de regra, por intermédio da criação do registro do Imaginário e do conceito de estádio do espelho, no caminho de Freud, Lacan demarca uma forte ligação entre o eu e o corpo na formação do sujeito. Lacan (1975/1986) ressalta que “o estádio do espelho (...), não é simplesmente um momento de desenvolvimento. Tem também uma função exemplar, porque revela certas relações do sujeito à sua imagem, enquanto *Urbild* do eu” (p.91).

Portanto, o estádio do espelho acontece entre o sexto e o décimo-oitavo mês de vida do bebê, se dividindo-se em três períodos. No período primeiro, o bebê olha o outro apenas pelo espelho; no segundo período, ele entende que não se trata do outro: “A relação imaginária, seja qual for, está modelada numa certa relação que é efetivamente fundamental - a relação mãe criança,” (LACAN, 1995, p. 28), e, no terceiro período, ela conclui que se trata da sua própria imagem.

Inicialmente, o corpo é experienciado pela criança como um corpo fragmentado, segundo Lacan (1949). Após passar os três períodos do estádio do espelho, espera-se que a criança possa formar, constituir e organizar o seu corpo como imagem de forma totalitária, pois a criança revelará nesse período o que ficou registrado e gravado nessa imagem: mesmo que o sujeito fique capturado nela por todo o seu viver, para a constituição do seu Eu essa formação é fundamental.

Ao se olhar-se no espelho, a criança não se vê como ela mesma, percebe apenas uma figura que “(...) rivaliza com sua própria imagem no espelho” (NASIO, 1997, p. 63).

Sendo assim, a imagem que o sujeito infantil visualiza pelo espelho é um rascunho primevo do que será o seu Eu. De acordo com Lacan, é no terceiro período do estádio do espelho que o Eu se constitui, após isso, a criança poderá revelar a sua imagem corporal

como de fato sua, podendo identificar-se com ela. Afirma-se, que para Lacan: o Eu é, propriamente, imaginário. “(...) na prova do espelho especificava a passagem do especular para o imaginário e, em seguida, do imaginário para o simbólico” (ROUDINESCO; PLON, 1998, p.194)

O outro (a) e o Outro (A)

No seminário 1, Lacan (1979) cria uma questão muito importante para o processo analítico, demarcando o tempo em que o sujeito se forma na relação com o outro. Posteriormente, no Seminário 2, Lacan (1985) insere a diferença entre dois “outros”. Surge nesse momento a diferença entre o A com o outro, o Outro que faz função de nomear, e o outro com letra a minúscula, representando a imagem do eu.

De acordo com Lacan (1966), nas formulações do texto *Le stade du miroir comme formateur de la fonction du Je*, registro de 1949, afirma com a ideia de que o eu é do campo imaginário, articulando com a metáfora do espelho para firmar esse momento. Seguindo, no Seminário 2 (relativo às reuniões dos anos de 1954 — 1955), Lacan se detém mais sobre o conteúdo, trazendo outra questão importante de sua teoria, da atemporalidade da instância inconsciente.

O inconsciente, mesmo como uma estrutura atemporal nos possibilita pensar em tempos, lugares e funções. O sujeito (S), o eu (a), o outro (a), o Outro (A) são lugares. No Seminário 1, Lacan traz a ideia da palavra, e no Seminário 2: o inconsciente estruturado como linguagem, onde o sujeito que fala pode se visualizar por meio dela.

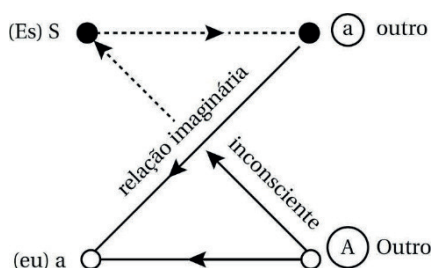


Figura 1. Schéma L

Fonte: Seminário 2

O sujeito se vê em outro lugar, não em (Es) S, mas no outro, em a. Por essa razão, ele possui um eu, que se formou como forma e características de um outro (a), pertencente a instância imaginária. O (outro) a é visto como objeto, tendo uma relação linear com o seu próprio eu, diante da linguagem endereçada do seu semelhante. O semelhante, o outro, o eu, são do imaginário e por estarem nesse sistema de organização da linguagem, são nomeados como objetos.

O outro em minúsculo situa-se como semelhante, um pequeno outro (a), ou seja, aquele que vejo em minha frente e me constituo como imagem. O Outro em maiúsculo, por ser o Outro da linguagem ocupando o lugar de (A), age como um terceiro marcando simbolicamente o sujeito, trazendo sentido no espaço inconsciente. De acordo com Lacan (1998), [...] o estado do sujeito S (neurose ou psicose) depende do que se desenrola no Outro A (p. 555). Por isso, o atravessamento com o Outro é fundamental, não só como lugar de desejo, mas por ser responsável na inserção da linguagem e toda sua dialética (LACAN, 1999, p. 145).

MÉTODO

Foram entrevistadas 22 pessoas praticantes, sendo 12 mulheres e 10 homens, com idades entre 22 e 56 anos, adeptos à prática de musculação em uma academia situada na região central da cidade de Caxias do Sul. Para a coleta de dados, os praticantes responderam um questionário contendo quatro perguntas que foram aplicadas após explicação prévia. O questionário foi composto pelas seguintes questões: às suas satisfações com a estética, os motivos que os levam a treinar, qual a importância do corpo na vida social, e por último, qual a importância da estética corporal em suas interações sociais. Como material complementar dos questionários, foi feito no período de dez dias consecutivos com tempo de duas horas diárias, a observação dos fenômenos no ambiente da academia por intermédio da pesquisa qualitativa: onde é possível observar, comentar e estudar um determinado grupo social, de acordo com suas crenças, valores e costumes. Sendo a pesquisa qualitativa de ordem subjetiva, se fez necessário realizar um diário de campo: sendo o momento em que o pesquisador se inclui no ambiente onde ocorrem os fenômenos e descreve o que presencia. Que posteriormente foi usado no tratamento dos dados, feitos também através da frequência com que se repetiam as respostas. O material proveniente, foi separado em etapas de acordo com a análise de conteúdos de Bardin. Organizadas em três fases: 1) pré-análise, 2) exploração do material e 3) tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Segundo Bardin (2011, p. 15), a análise de dados é um grupo de ferramentas metodológicas cada vez mais refinadas e em aperfeiçoamento contínuo, que se utilizam em “discursos” altamente diferenciados (capacidades e continentes).

RESULTADOS

Foi observado na academia, a maneira como se comportam os praticantes de musculação, assim como a estrutura e o ambiente do espaço da sala. Dentre os doze televisores dispostos no espaço, três deles exibiam propagandas de modalidades oferecidas pela academia, com vídeos de pessoas praticando exercícios com corpos fortes, definidos e sarados. Confirmando a perspectiva de Villaça e Goés (1998), onde os espaços das

academias diante da sociedade do consumo, vendem a imagem de corpo que é idealizada e influencia fortemente a sociedade contemporânea. Através da observação, pude perceber que homens e mulheres se preocupam fortemente com a estética corporal, recorrendo a musculação como prática para modificações do corpo. Que os homens se observam no espelho enquanto treinam, contemplando o reflexo de si pelo espelho. Já as mulheres, também se contemplam, porém, de maneira mais contida. Durante o horário do meio-dia, as pessoas treinam mais rápido que os frequentadores dos turnos da manhã e da noite, pois retornariam para seus trabalhos, sendo que os praticantes dos outros turnos, treinam antes ou após seus horários de expediente. Percebi que durante o dia há mais mulheres do que homens praticando musculação. Que conforme Dantas (2005), diante de insatisfações e preocupações que a estética corporal induz principalmente nas mulheres, em seguirem rotinas de cuidado com o corpo, buscando por uma melhor aparência e a se exercitarem, tendo conhecimento de que uma rotina de hábitos não saudáveis e sedentarismo, unindo fatores que são cruciais para essa busca nas modificações do corpo.

Percebi que há diversos estereótipos referentes a beleza e a juventude entre os praticantes, onde a estética e o rendimento de cada sujeito é alterado de acordo com sua idade. Durante o período de inserção no campo, foi possível ouvir pessoas conversarem, onde atribuíam a idade com os bons resultados, identificados nas frases: “por ser mais novinhas elas aguentam mais”, “tem vinte e cinco anos...a idade a seu favor”; confirmando que há estereótipos referentes a juventude e ao envelhecer. Muitos adeptos a prática de musculação treinam visando saúde e bem-estar, mas que principalmente gostariam de presenciar mudanças na sua imagem física: como emagrecer ou ficar mais definido. Nos parágrafos seguintes, uso de algumas respostas dos próprios participantes que corroboram com as problemáticas observadas: “chegar num padrão que estipulei como ideal pra mim”. De acordo com as entrevistas realizadas e da observação, obteve-se um mapa mental organizando as etapas das respostas, resultando nas categorias abaixo.

Quadro 1. Mapa mental dos resultados



Muitos se olhavam no espelho enquanto repetiam seus movimentos, alguns faziam fotos e outros olhavam as pessoas presentes no ambiente. Foi possível presenciar diversos momentos em que as pessoas conversavam entre si, sobre suas características corporais e estéticas, reproduzindo discursos de influências sociais, tais como evidenciado na seguinte frase: “como você está linda, mais definida”. Que de acordo com Dantas (2005), o corpo passa a ser influenciado por seu meio social, alterando a imagem que o sujeito tem de si, ditando um novo olhar para o ideal de beleza na sociedade, preestabelecendo formas de beleza, como os corpos definidos e sarados. Quando questionados sobre os motivos que os levam a praticarem musculação, a grande maioria das respostas são de que treinam somente por estética: “...treino pela estética...”, “gosto de treinar pela estética.” Seguindo pelo viés lacaniano, a estética é pertencente a instância imaginária, que traz o conceito de corpo a partir da formação do eu no estágio do espelho, na relação com o outro. Da mesma maneira, Lacan (1975-1986), traz um momento em que a imagem corporal do sujeito faz uma diferença entre o que é do eu e o que é do mundo externo, sendo a imagem num primeiro momento, que lhe permite situar o que é e o que não é do eu, permitindo-lhe visualizar como um outro que não ele mesmo. Seguindo o pensamento de que o ideal estético reverbera contingências, que ficam presas a imagem estética por um véu de fantasia, por padrões ditados pela sociedade do consumo, e que se encontram na identificação com o Outro, nomeando esteticamente o que de fato vem a ser “belo”.

De acordo com algumas respostas, ficou evidente que alguns praticantes treinam por saúde, mas ainda pela estética, em respostas como: “treino pela saúde e pela estética”, “treino para manter a minha saúde e estética.” Conforme um estudo de Marinho e Guglielmo (1997), as pessoas buscam a prática de musculação por diversos motivos,

mas as maiores buscas são nas mudanças em relação a imagem estética e a melhora da saúde. Um outro grupo de participantes, quando perguntados sobre motivos que os levam a treinar, responderam que treinam por saúde, atribuindo querer sentir-se bem consigo mesmo e para manutenção de fatores orgânicos. Observei que entre os horários de uma e cinco da tarde, os frequentadores do espaço de musculação em sua maioria são jovens menores de idade e idosos. Ambos os praticantes, demandam de maior auxílio dos professores, e treinam de maneiras diferentes dos demais adeptos, sendo de forma mais lenta e com certas dificuldades em alguns movimentos. Diante dos questionários, metade dos praticantes dizem passar em torno de uma hora e meia a três horas no ambiente da musculação, alguns deles chegam a treinar uma vez pela manhã e outra a noite. Outro fenômeno que me chama a atenção, é o fato de praticantes “normais”, que fazem o mesmo número de treinos, com horários similares as rotinas dos praticantes que são atletas de alta *performance* ou *body builder*. Dessa maneira, para Lacan (1985), há uma situação assimétrica nessa manobra de alienação, pois há uma submissão profunda a esse Outro, condição que, por outro lado, lhe permite entrar no mundo da linguagem onde um significante o fará símbolo, convertendo seu ser pela essência. Na inserção do simbólico no campo do Outro, dará a ela um lugar no mundo em relação a si mesma e aos outros, por meio de um entalhe do significante em seu ser: o entalhe tem muito bem a função de ser para o Outro, de lá situar o sujeito, marcando seu lugar no campo das relações do grupo, entre cada um e todos os outros (LACAN, 1985).

Também foi possível observar a partir do diário de campo, que a estética pode ter relação com as interações sociais dentro do ambiente da academia. Identifiquei que praticantes com corpos diferentes dos estereotipados como sarados, sem o corpo padrão atlético, se sentem tímidos no ambiente de musculação, ficando mais tempo no celular, treinando sozinhos e em alguns períodos ficavam observando as pessoas ao seu redor. Usavam roupas com cores escuras, de tamanhos grandes e formas largas, também repetiam gestos em puxar a roupa como se quisessem esconder algo. Muitos treinavam sozinhos, fazendo movimentos errados, não solicitando ajuda do professor, muitos com fones de ouvidos e introspectivos. Por outro lado, foi muito comum visualizar mulheres e homens de corpos atléticos usando roupas justas, marcadas ao corpo, com formas e cores variadas. Visualizei muitas meninas de corpo atlético recebendo ajuda constante dos professores, que são todos homens. No turno da noite, foi observado muitos casais, grupos de amigos e familiares treinando juntos, compartilhando o mesmo aparelho, fazendo revezamentos e usando a mesma garrafa de água. De acordo com algumas respostas, confirma esses fenômenos observados: “o corpo define o nosso comportamento diante das outras pessoas”, “acredito que a estética ajuda muito na aceitação social”, “a prática de esportes sempre me aproximou de novos amigos”. Quando estavam entre amigos, era comum que ficassem se olhando enquanto faziam as repetições, com olhar de contemplação diante dos movimentos feitos pelo Outro. Atribuo esse fenômeno ao pensamento de Lacan

(1985), quando comenta que o homem ao gozar do corpo do Outro, que representa essa alteridade, o sujeito goza apenas de seu objeto, que resplandece em uma parte do corpo do Outro: Gozar tem essa propriedade fundamental de ser em suma o corpo de um que goza de uma parte do corpo do Outro (LACAN, 1985, p. 35).

Muitos usuários da sala de musculação se olhavam no espelho durante o treino, como se observassem os efeitos “imediatos” da prática. Outros olhavam pessoas que treinavam ao seu redor, como se estivessem fiscalizando o corpo do outro. Diante das possíveis comparações e insatisfações, obtive as seguintes respostas: “quero chegar num nível que ainda não cheguei...”, “estabeleci uma meta com base num padrão que eu gostaria de ter”, “ainda não estou no modelo que defini pra mim”, “hoje em dia temos muitos estereótipos que nos são mostrados como padrões”. Segundo Barroso (2012), aponta que a figura sempre depende da verdadeira, sendo uma simples inversão na reprodução do mesmo, e que hoje essa dependência foi eliminada: O mercado retira as imagens de seu ambiente para multiplicá-las em um deslocamento inexperiente. E que essa autoimagem calmante induzida pelo contexto social, serve para compensar as deficiências do sujeito. Os meios de comunicação têm grande poder de auferir o público por diversos recursos, sendo muito eficiente, concedendo para a concepção do corpo como objeto de consumo, visto que o indivíduo só alcança a alegria explorando o corpo ideal. Barroso (2012), também afirma que a exposição a diversas publicidades, assim como estímulos causados pelos diversos meios de comunicação, leva as pessoas a tratar o corpo como objeto de consumo, buscando diversas formas de manter ou obter um corpo que esteja de acordo com as normas sociais. A imprensa ao defender e propagar um ideal de corpo adaptado às normas sociais, a muda em prol da ideia consumista, para que muitas pessoas que desejam se adequar às normas vigentes, passem a ter como ideal uma vida mais saudável. Nesse sentido, existe a ideia do corpo como objeto de consumo e anseio.

Nos questionários, muitos relatam que quando estão satisfeitos com sua aparência, conseguem se relacionar melhor socialmente. Afirmando que, quando se está “bem” com sua aparência, sentem-se melhor para usar roupas diferentes e estarem em ambientes de maior exposição, como por exemplo, ir à praia. Atribuo essa etapa aos mesmos comportamentos de alguns usuários da academia citados acima, como olhares diante de si mesmo e diante dos outros, nas pessoas definidas, atléticas e musculosas, que usavam roupas com cores fortes que deixavam seus corpos amostras e em evidência. Muitos participantes atribuem treinar por autoestima e para sentirem orgulho de si mesmos, como: “meu corpo está totalmente ligado a autoestima”, “se gostamos do nosso corpo, aumentamos nossa autoestima”, “para conseguir me vestir bem e ficar com a autoestima boa”. Os participantes descrevem que a autoestima quer dizer gostar de si próprio. Mas, para que nossa “autoestima” permaneça “alta”, carecemos de pistas às quais a outra pessoa demande. Se sabe o quanto um elogio ou reconhecimento do nosso valor nos faz sentir bem, e como é complicado admitir críticas ou enganar. Assim, nossa autoestima varia

“economicamente”, podendo estar em alta ou em baixa, na medida em que o outro nos endereça sinais, ou seja, temos o “Outro” como formador e “combustível” de nossa própria estima. “A relação com o Outro é essencial, uma vez que o caminho do desejo passa necessariamente por ele, mas não porque o Outro seja o objeto único, e sim na medida em que o Outro é fiador da linguagem e a submete a toda sua dialética” (LACAN, 1999, p. 145). O eu que se constituiu de um outro, segue influenciado pelo Outro, agora na dimensão da palavra. Implico na reflexão de que se o eu, tem o Outro como essencial para constituir uma imagem de si, sendo no decorrer da vida alienado e afetado por vários outros, diante da sua formação de “autoestima”, seria interessante pensar em heteroestima?

Diante de algumas respostas, alguns praticantes descrevem desejar estar ou serem diferentes de como estão fisicamente. Declarando que praticam musculação por querer sentir orgulho de si ou obter algum tipo de reconhecimento por seus esforços e que gostariam de mudar sua estética corporal: “Ainda não cheguei no meu ideal, gostaria de ter mais músculos”, “treino por reconhecimento”. Contextualizando a inserção que o sujeito faz no mundo, diante do olhar e da linguagem endereçadas do Outro. Para Lacan (1953), a linguagem tem um corpo quando a fala produz um efeito no outro, chamando isso de “dom de linguagem”, dizendo que ela “*é um corpo sutil, mas é corpo*” (LACAN, p.302). Sendo possível identificar, que muitos praticantes se sentem mal quando recebem um *feedback* negativo relacionado ao seu rendimento ou imagem, comentando que certamente estão se exercitando pouco e que deveriam “sofrer” mais nos exercícios. Segundo as teorias freudianas, existe uma estreita lacuna entre o corpo e o inconsciente. E, Lacan diz: “O inconsciente é estruturado como uma linguagem, então podemos falar de uma aproximação entre corpo e linguagem”. É verdade que, desde muito cedo na psicanálise, Freud demonstra como e por que o tratamento por via da palavra poderia ser eficaz na cura de sintomas somáticos como os presentes nas pacientes histéricas. Mas, que o corpo na dimensão simbólica não é um recurso para tudo. Questiono: o que o corpo seria capaz de tolerar em função da imagem? Que fique claro que quando apresento a ideia da palavra “tolerar”, penso tanto em tolerar no sentido de “preservar”, sendo na linguagem a sustentação da imagem do corpo, quanto em tolerância associada ao suportar ou ao sofrer; *“o sujeito que sustenta o sofrimento do seu corpo em detrimento de sua imagem ideal”*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por fim, no decorrer do tempo o corpo passou por diferentes representações que impactaram suas relações sociais. No século XIV, o corpo do sujeito foi atravessado pelo sistema capitalista, o dominando e o objetificando no intuito de obter corpos mais potentes e fortes para o campo de trabalho. Logo depois, no século XIX surge o movimento ginástico europeu partindo de métodos científicos e da união entre as dominâncias impostas pelo capitalismo.

Instituindo uma nova perspectiva, a partir de suas experiências nos atendimentos a pacientes histéricas, o médico neurologista Sigmund Freud (1856-1939) compreende que as pacientes representavam seus sintomas e conflitos psíquicos pelo corpo. Portanto, Freud conceitua a ideia de corpo na psicanálise, que antes era reduzido somente ao campo biológico, e que agora emerge como um corpo inconsciente, marcado pelo sexual, com desejos e banhado pela linguagem.

Seguindo o percurso de Freud, o médico psiquiatra Jacques Lacan (1901-1981) faz um retorno as suas teorias, trazendo a problemática do corpo, conceituando a constituição do eu a partir do estágio do espelho. Consolidando sua teoria própria, afirmando que o aparelho psíquico funciona por meio de três registros fundamentais: Imaginário, Real e Simbólico. Especificamente na instância imaginária está a formação de corpo como imagem, que é constituída por meio da relação com o Outro.

Por meio do método de pesquisa qualitativa, com 22 pessoas praticantes de musculação no espaço da academia, que responderam um questionário referente as suas relações com seu corpo e um diário de campo: sendo o momento em que o pesquisador se inclui no ambiente e descreve o que presencia. O material coletado foi separado e tratado de acordo com análise de dados de Bardin (2011). Servindo de grande valor para a pesquisa de caráter subjetiva e singular.

Assim, para elucidar as considerações finais deste trabalho, resgatou-se o problema de pesquisa que é a relação que os praticantes de musculação têm com seus corpos e se a estética tem influência nas suas interações sociais, e chegamos à conclusão de que os praticantes recorrem a prática de musculação para modificar sua estética. Que por consequência afetam suas interações sociais, tornando o prazer intrínseco à prática de musculação, com intuito de serem reconhecidos pelos esforços feitos em prol de suas formas corporais, sempre por via da fala e olhar do Outro, ou seja, por via simbólica e escópica. Tanto os homens, quanto as mulheres, sentem desejos de estarem e serem diferentes de como estão e acabam ocupando um lugar de cobrança consigo mesmo, como se ocorresse um endividamento caso não cedessem a prática: *“o de hoje está pago!”*. Há uma padronização diante dos estereótipos de juventude e beleza, junto a romantização, no qual a sociedade vende a imagem idealizada de corpo maquínico, um corpo que suporta tudo, um corpo de excessos, sem espaços para a falta. E a sociedade atual, na linguagem capitalista, “compra” essa ideia de que é possível sustentar esse corpo “vivo”, como um corpo que é máquina, que vive e sofre constantes modificações.

Conclui-se que o sujeito, que no estágio do espelho se constituiu em um eu, na relação com o outro, segue alienado a esse Outro, reatualizando suas cenas infantis nas suas interações sociais também no ambiente da academia. Surge a questão do “auto”, no conceito de autoestima, pois o sujeito fixado no imaginário, demanda do outro um (re) conhecimento de si próprio. Considera-se importante novos estudos acerca da problemática do corpo e de suas relações, referente ao ambiente da musculação, trazendo novos olhares, posicionamentos e conclusões com maiores propriedades.

REFERÊNCIAS

- BARDIN, L. (1977). *Análise de conteúdo* Lisboa: Edições, 70, 225.
- BARBOSA, M. R.; MATOS, P. M.; COSTA, M. E. (2011). *Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje*. Psicologia & Sociedade. 23 (1), 24-34.
- BAUMAN, Z. (2008). *Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria*. Rio de Janeiro: Zahar Ed.
- DANTAS, E. (2005). *Pensando o corpo e o Movimento* Rio de Janeiro: Shape Ed.
- GUGLIELMO, LGA., MARINHO, A. (1997). *Atividade física na academia: objetivos dos alunos e suas implicações*. In: Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, 10., 1997, Goiânia. Anais... Goiânia, Potência.
- LACAN, J. (1998). *Função e campo da fala e da linguagem em Psicanálise*. In: Escritos (pp.238324). Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Texto original publicado em 1966).
- LACAN, J. (1998). *O estádio do espelho como formador da função do eu (1949)* In: Escritos (pp.96-103). Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Texto original publicado em 1966).
- LACAN, J. (1986). *O Seminário Livro 1: os escritos técnicos de Freud* Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Texto original publicado em 1975).
- LACAN, J. (1985). *O Seminário Livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da Psicanálise* Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Texto original publicado em 1978).
- LACAN, J. (1956). *O Seminário Livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- LACAN, J. (1957-1958). *O Seminário Livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- LACAN, J. (1986). *O Seminário Livro 20: mais, ainda* Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Texto original publicado em 1975).
- LE BRETON, D. (2006). *A Sociologia do Corpo*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes Ed.
- LEITE NETO, J. (1994). *Marketing de academia*. Rio de Janeiro: Sprint Ed.
- MARICÁ, Marquês. (1940) "*Máximas, pensamentos e reflexões do Marquês de Maricá* (pub. em 1846)". In: MARICÁ, Mariano José Pereira da Fonseca; Alfredo Gomes; publicado por Edições e publicações Brasil.
- NASIO, J. D. (1996). *Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- ROUDINESCO, E., & Plon, M. (1998). *Dicionário de Psicanálise* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- SOARES, C.L. (2001). *Educação física: raízes européias no Brasil* Campinas: Autores associados.

SOARES, C. L. (2010). *Imagens do corpo "educando": Um olhar sobre a ginástica no século XIX*. Pesquisa histórica em educação física, v. 02.

TAHARA, Alexander Klein; SCHWARTZ, Gisele Maria; SILVA Karina Acerra. (2003). *Aderência e manutenção da prática de exercícios em academias*. R. bras. Ci. e Mov. Brasília v. 11 n. 4 p. 712 out./dez.

VILLAÇA e GOES, N. F. (1998). *Em nome do corpo*. Rio de Janeiro: Rocco Ed.